

## TIRADENTES: UM SONHO BISSECCULAR DE LIBERDADE\*

ANTÔNIO GAIO SOBRINHO

Professor da Fundação Regional de Ensino de São João del Rei (FUNREI)

*"Liberdade - essa palavra  
que o sonho humano alimenta:  
que não há ninguém que explique,  
e ninguém que não entenda!"*

Cecília Meireles

**Resumo:** *O trabalho analisa alguns aspectos da biografia de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, seus ideais, sua participação na Inconfidência Mineira e as várias interpretações dadas ao movimento.*

### 1 PRÓLOGO

*"Se já vai longe a alvorada,  
então por que tarda o dia?"*

Cecília Meireles

Os anseios libertários inconfidentes de 1789, cuja frustração final culminou no patíbulo da Lampadosa na manhã ensolarada de 21 de abril de 1792, com o enforcamento de Tiradentes, nunca deixaram de influir soberanamente nos destinos políticos da pátria brasileira. A idéia generosa que o Alferes mineiro abrigou em sua cabeça, alçada, por derrisão, em alto poste na praça principal de Vila Rica, ainda hoje sobrepára os altaneiros píncaros de Minas, num grito de Liberdade que os ecos repetem pelas quebradas de todos os rincões brasileiros. E malgrado os duzentos anos transcorridos desde sua morte, a presença de Tiradentes se pereniza nos corações brasileiros, do que são provas as comemorações que, neste ano, se realizarão em sua homenagem.

---

\* 1.º lugar no Concurso de Monografia sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira, promovido pela Polícia Militar de Minas Gerais.

Oxalá das comemorações se caminhe decididamente, como queria ele, para a concretização, hoje mais urgente do que nunca, de seus legítimos ideais: "LIBERTAS QUAE SERA TAMEN!"

## 2 INTRODUÇÃO

*"Talvez um dia se saibam  
as verdades todas, puras.  
Mas já serão coisas velhas  
muito do tempo passado..."*

Cecília Meireles

A Inconfidência Mineira, que muitos teimam em minimizar, continua, duzentos anos depois, prova de sua importância, a suscitar discussões e pesquisas que, escritas, formam hoje considerável bibliografia. Sua leitura permite-nos discernir três abordagens que constituem três vertentes que resumem, em momentos diferentes, as mais interessantes interpretações até hoje feitas a respeito do assunto.

Alguns historiadores, na trilha deixada por Joaquim Norberto com sua *História da Conjuração Mineira*, procuraram denegrir, ridicularizar e até mesmo ignorar o movimento mineiro de 1789, qualificando-o de simples "conspiração de poetas", "conversa ociosa" ou "infeliz cabeçada". Outros, para cujos trabalhos serviu de modelo *A Inconfidência Mineira*, monografia de Eduardo Machado de Castro, têm exagerado em demasia o seu significado, enaltecendo como heróis os seus paladinos, criando mitos e difundindo sentimentalismos ingênuos em redor da abortada conspiração. Finalmente, há aqueles que, como o historiador Kenneth Maxwell, autor de *A Devassa da Devassa*, vêm relendo os fatos de 1789 com maior isenção, descobrindo, nos inconfidentes, homens de seu meio e tempo, impulsionados por interesses pessoais bem humanos.

A primeira leitura corresponde à dos historiadores da época imperial que, subservientes ao poder monárquico, de forma geral, procuraram desmerecer e vilipendiar toda movimentação histórica de ideologia republicana e liberal. Por razões óbvias, não lhes convinha dissertar sobre o tema da Inconfidência, condenada que fora pela rainha D. Maria I, avó e bisavó de nossos dois imperadores. E se de leve o fizeram, foi no intuito de exaltar a ação repressiva e reduzir a importância daquele acontecimento, pintando-o com cores de visível má vontade. Assim, já entre 1810 e 1819, quando a Inglaterra pairava seu imperialismo sobre o Brasil, o inglês Robert Southey publicou a sua *História do Brasil*, sem dúvida preciosa, onde, porém, reclama, com a visão do colonizador, que

*"um oficial da cavalaria julgou fácil para os seus contemporâneos  
sacudir a autoridade da mãe-pátria, fundando uma república*

*independente. Como doidos procederam os conspiradores: faziam discursos sediciosos onde quer que se achavam e perante toda a casta de gente, esquecidos de que, embora estivesse descontente o povo, era vigilante e forte o governo e de que, por mais que se anelasse uma diminuição de impostos, não se desejava outra mudança".*

Nas pegadas de Southey, também o nosso grande historiador do Império, Varnhagen, tratou o episódio com máxima cautela, evitando, como amigo e protegido do Imperador, comprometer-se com qualquer comentário que pudesse ferir a sensibilidade da dinastia bragantina que nos "propiciara" a independência e que anos antes havia condenado os inconfidentes mineiros. Mas é na obra *História da Conjuração Mineira*, escrita em 1873 pelo funcionário público Joaquim Norberto de Sousa e Silva, que o "vilão" Tiradentes se corporifica. Seu retrato se delinea proposadamente distorcido como homem repelente, de olhar espantado, leviano, loquaz, impudente, ressentido, exaltado e fanático. Distorção perfeitamente adequada aos interesses da elite imperial, num momento impróprio para formar-se herói fora dos seus quadros e, sobretudo, portador do germe republicano. A finalidade monarquista, anti-republicana, da obra de Joaquim Norberto claramente se desvelou, em 9 de dezembro de 1881, quando, em sessão do IHGB, ele textualmente assim declarou:

*"Quando alguns jovens pretenderam erguer um monumento a Tiradentes, fui eu de opinião de que o seu vulto era bastante secundário para ornar uma praça da capital do Império. Pediram-me provas e eu respondi, três meses depois, com a publicação da História da Conjuração Mineira".*

Mas Joaquim Norberto não conseguiu reverter o processo. Tiradentes começava, em meio à maré republicana, a virar herói. Um jornal da época, *O Contemporâneo*, assim o consagrava: *"Ele é o homérico protótipo de nossa Liberdade"*. Proclamada a República, o nome infamante de "Inconfidência" virou sinônimo de bravura e patriotismo, e a imagem de Tiradentes, assemelhada à de Cristo, surgia em todas as telas e praças. O seu nome, tornado glorioso e nobilitado, passava a denominar cidades e ruas por todo o imenso Brasil. Tiradentes metamorfoseava-se numa espécie de Cristo, com seu nariz semita, sua cabeleira de nazareno, sua alva longa e sua imagem hierática. Pois como Cristo, também ele perdoou o algoz, ajoelhado a seus pés. Como Cristo, tivera também um Judas no seu caminho. Como Cristo, também ele fora sacrificado, cordeiro inocente, pela salvação do povo. Esse revisionismo republicano concretiza-se, em 1927, na obra de Lúcio dos Santos, para quem, com evidente exagero, a Inconfidência *"foi um capítulo dos mais gloriosos da História Universal da Liberdade"*, e Tiradentes o chefe incontestado da conspiração, homem inteligente, ativo, enérgico, cheio de iniciativas, audaz e devotado.

O verdadeiro paladino, porém, desse revisionismo foi Machado de Castro que, em 1901, numa réplica a Joaquim Norberto, publicou sua monografia *A Inconfidência Mineira*, onde declara:

*"Escrevemos esta monografia com os mesmos documentos de que se serviu o Sr. Joaquim Norberto para construir sua famosa História da Conjuração Mineira. A figura homérica de Tiradentes sai grande e majestosa, como altiva palmeira do chão carrasquento".*

*"Partidário decidido da Monarquia e amigo pessoal do Imperador, não estava Joaquim Norberto em posição própria para ser imparcial, ao examinar e criticar uma tentativa republicana", pondera com razão, Lúcio dos Santos, e acrescenta: "Republicano histórico, adversário ferrenho do Império, incidia Machado de Castro no vício contrário".*

Mas viciados e unilaterais, tanto Joaquim Norberto quanto Machado de Castro fizeram escola. Com o primeiro, alinharam-se historiadores e críticos da importância de Capistrano de Abreu, de Francisco de Assis Cintra e de Sílvio Romero. Este, na sua *História da Literatura Brasileira*, assim se expressa taxativamente:

*"Não contesto aos brasileiros o direito de fantasiar heróis e encher de semideuses o céu de sua história", mas, "por que motivos, grandes e consagrados heróis, divinizados pela humanidade inteira, podem ter sido visitados no seu ninho de luzes e sombras pela crítica, e não se há de fazer o mesmo no Brasil a certos heroizinhos de ontem?".*

A iconoclastia de Joaquim Norberto retoma todo seu furor com Sérgio Faraco quando em sua obra *Tiradentes, a alguma verdade (ainda que tardia)* remata:

*"O sacrifício que coube ao alferes Xavier, para salvamento de meia dúzia de mariolas, é um legado plangente para os corações menos empedernidos. Mas, elaborada essa comoção, não remanece especial razão para que se lhe atribua o carisma de culto pátrio".*

Com Machado de Castro posicionaram-se inúmeros outros, como Waldemar de Almeida Barbosa e Dimas Perrin, senão quase a totalidade dos autores de nossos velhos textos escolares nos quais ainda prevalece a versão simplista do significado do movimento mineiro de 1789, onde os personagens envolvidos ou são heróis ou vilões, patriotas abnegados ou traidores desprezíveis, e a conjuração o epílogo de uma gloriosa epopéia libertária. É a difusão da falsa idéia de que um punhado de brasileiros idealistas, puros e corajosos, portanto dignos de nossa veneração e imitação, se teria decidido, espontânea e desinteressadamente, conspirar e lutar pela independência da pátria.

A terceira e última leitura, por fim, apresenta-se mais realista, mais desvinculada de fins políticos ou de ideologias outras que não tenham a ver com a restauração da verdade histórica. Aqui a *Inconfidência Mineira* se

coloca como uma movimentação de pessoas humanas comuns, filhas de uma situação histórica concreta, com fortes e vitais interesses econômicos pessoais, que, num dado momento, as empurraram à sedição. O maior e mais habalizado representante e arauto desta terceira linha de interpretação é, sem dúvida, o brasilianista Kenneth Maxwell, com a sua *A Devassa da Devassa*, publicada em 1973. E fez escola também ele, pois desde aí, muitos pesquisadores brasileiros, que estudam o assunto, vêm tratando a Inconfidência Mineira e, em especial, o Tiradentes, com maior seriedade. Esta parece ser a melhor e mais honesta, mais sensata e objetiva, maneira de tratar o tema inconfidente. Pois é assim mesmo a História. À medida que recuam no passado, vão os acontecimentos desembaraçando-se dos erros em que os envolveram os prejuízos de época e as paixões de momento.

### 3 O SENTIDO DA INCONFIDÊNCIA

*"Sobre o tempo vem mais tempo.  
Mudam sempre os que são grandes:  
e é grandeza de ministros  
roubar hoje como dantes.  
Vão-se as minas nos navios...  
Pela terra despojada,  
ficam lágrima e sangue."*

Cecília Meireles

Feu de Carvalho declarou um dia: *"A nossa história ainda está por se escrever, sem exageros, nem patriotadas, mas com verdade e patriotismo"*.

A Inconfidência Mineira é uma das páginas de nossa história mais deturpadas e controvertidas. Ela,

*"não é a grande epopéia da liberdade do Brasil. Nem é um movimento inconseqüente, fruto da loquacidade de uns e oportunismo de outros. É resultado de um momento histórico muito peculiar, cujas circunstâncias políticas e econômicas determinaram comportamentos típicos de uma classe"*, conclui Júlio José Chiavenatto.

Motivada por toda uma atividade política, econômica e cultural, é ela, diz por sua vez Marco Antônio Fontes, *"fruto dos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, que se corporificaram na Revolução Francesa"*. Nossa independência, ao invés, feita trinta anos mais tarde, com manter a estrutura monárquica, fez-se ao sabor de outros ventos. Dos ventos que sopravam sobre a Europa e sobre o mundo, após a queda de Napoleão Bonaparte, fruto das tentativas de restauração do poder absoluto dos reis, defendidas por Meternich, no Congresso de Viena, em 1815. Aliás, como

escreveu Diogo de Vasconcelos, "os patriotas de 1822, que não se convenciam de ter precursores de positivo valor e monopolizavam para si a idéia da independência", a receberam com o minguado valor de um devaneio de poetas e visionários. "É certo que a idéia de independência não está contida em todos os movimentos de rebeldia contra uma situação existente concreta, que explode em rebeliões", afirma Eliane Marta Santos Teixeira Lopes, e continua:

*"as idéias, explicitadas ou não, importadas ou não, expressaram o sentimento do dominado e as suas formas de luta experimentadas até então. Expressaram mas não criaram; não criaram os sentimentos, nem ensinaram a luta. A luta vinha sendo aprendida no processo em curso".*

Muito embora tudo quanto se disse ou se possa dizer acerca das motivações pessoais de cada um dos seus integrantes, a importância da Inconfidência Mineira, lembra ainda Marco Antônio Fontes,

*"transcende os interesses pessoais e regionais da sociedade da época. Transformou-se em símbolo de um ideal amplo, aberto e generoso, bem mais que um simples prenúncio do 7 de setembro de 1822".*

As frustrações pessoais dos inconfidentes confundiam-se com as necessidades coletivas, e tudo contribuiu para levá-los à revolução. Mais que isso, demonstrou a História que seus efeitos duraram bem mais do que seria de se esperar de uma rebelião que não deu certo. Marcaram toda a vida brasileira do Império, frutificaram na República e estenderam sua influência até nossos dias. Sejam, pois, quaisquer tenham sido as motivações particulares de cada qual dos inconfidentes, possa a memória dos seus sofrimentos servir de exemplo aos governos que nos seus juízos desprezam a sorte dos oprimidos e se arrogam uma infalibilidade e sabedoria que só a Deus pertence, e que a História vai, neles, constantemente, desmentindo.

#### 4 AS COMEMORAÇÕES BICENTENÁRIAS

*"Agora tudo  
jaz em silêncio:  
amor, inveja,  
no imenso tempo  
se estão levando...  
Quais os que tombam  
em crimes exaustos?  
Quais os que sobem,  
Purificados?"*

Cecília Meireles

Faz três anos, a França comemorou o bicentenário de sua gloriosa revolução e nós, brasileiros e mineiros, lembrávamos frustrados o bicentenário de nossa fracassada Conjuração Mineira.

A simultânea ocorrência das duas efemérides permite-nos e até nos convida a comparar os dois acontecimentos sobre que perpassou a mesma fermentação liberal iluminista, desencadeada pela Revolução Americana de 1776. Enquanto, porém, na França, os acontecimentos foram vitoriosos, sendo até hoje lembrados pela historiografia como a maior revolução de todos os tempos, os sonhos mineiros foram truncados ainda na gestação, provocando um aborto que a História dominante infamou com o nome criminoso de Inconfidência Mineira.

Por que as mesmas motivações, a mesma ideologia, tiveram lá e cá resultados tão diversos? Postas de lado as diferenças culturais, atentemos apenas naquela causa que julgo primordial: a existência lá e a inexistência aqui de uma classe média economicamente rica e interessada no êxito dos respectivos movimentos. De fato, na França de fins do século XVIII, havia já uma rica e ampla burguesia dando sustentação aos revolucionários, enquanto que, em Minas Gerais, os ideais libertários motivaram somente uma reduzida elite de ricos endividados, descontentes, porém nada revolucionários.

No ensejo agora, neste ano de 1992, da comemoração do bicentenário da morte de Tiradentes, convém lembrarmo-nos daquela arguta e judiciosa advertência de Antônio Cândido:

*"A mania de comemorar é quase tão perigosa quanto a de inaugurar, porque ambas podem servir para impor à opinião pública uma versão dirigida aos fatos, em benefício de pessoas, governos ou grupos que desejam a realidade indevidamente deformada".*

Sirva-nos, pois, a lembrança desse momento do nosso passado, cujo bicentenário comemoramos, de pretexto e estímulo para refletirmos sobre o nosso presente. Qual é para o Brasil de hoje a lição da Inconfidência Mineira? Que sentido teria hoje uma Inconfidência Brasileira?

Há duzentos anos os mineiros aguardavam o lançamento da "derrama" para se levantarem em protesto e se declararem independentes. Os exorbitantes juros da dívida externa brasileira, docilmente pagos pelo governo, não são hoje a moderna versão da derrama? E por que não se insurgem os brasileiros, que a estamos pagando injustamente, à custa de nossa miséria e fome? Somos hoje menos corajosos ou menos possuídos de amor à Pátria? Joaquim José é bem o símbolo do povo, enquanto o outro, o Joaquim Silvério, é bem o símbolo do anti-povo. Será que entendemos o que isso significa, nos dias em que vivemos?

*"A história ensina", escreveu Idel Becker. "Mas quererão os homens aprender; apesar da tremenda lição que encerram a execução e a luminosa glória posterior do mártir da Inconfidência, não estaremos a enforcar, todos os dias, com sanha feroz, os novos Tiradentes de*

*amanhã?"*

Lembremos, por fim, como já escreveu alguém, que não há corda, no mundo, que enforque um grande ideal. Se assim não fosse, se com o herói ou mártir tudo terminasse, o cristianismo não teria ultrapassado o Gólgota. Assim, o ideal de Tiradentes não acabou na Lampadosa, naquela manhã de abril de 1792. A espada que ali lhe caiu das mãos, cabe a nós retomá-la e prosseguir na sua luta pela realização do seu e nosso sonho de ver este País verdadeiramente livre e independente, tarefa hoje mais premente do que então.

*"Faz pena ver um povo tão generoso, um solo tão rico ser continuamente explorado e vexado pelas nações estrangeiras que se nutrem de nossa pobreza e miséria! Ah! Se todos quisessem, poderíamos fazer deste país uma grande Nação!"*

## 5 A CIDADANIA DE TIRADENTES

*"Suplicam as sete crianças  
que a Santa as livre do mal  
Três meninas, três meninos...  
E um grande silêncio reina  
na capela do Pombal.*

*(Mas esse, do meio  
tão sério, quem é?  
- Eu, Nossa Senhora,  
Sou Joaquim José)"*

Cecília Meireles

*"Quem vai de São João Del Rei à Estação de Santa Rita do Rio Abaixo, no prolongamento da Estrada de Ferro D'Oeste, a uns cinco quilômetros aquém, avista do outro lado do rio, que a linha segue sempre, o lugar onde existiu a Fazenda do Pombal.*

*Ainda a conheci, era uma vasta habitação, no meio de jardins floridos e viridentes pomares, onde vicejavam árvores e arbustos frutíferos, em todo o esplendor de uma natureza tropical.*

*Dava entrada à poética e legendária vivenda, colocada à margem do rio e quase na foz do ribeirão da Glória, extensos currais, onde o gado mugia e as ovelhas nédias pulavam de alegres.*

*Mesmo em frente à fazenda, uma enorme ponte de madeira tosca cortava o rio, dando passagem para o lado oposto.*

*Foi ali que nasceu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes. Dali saiu ele a congregar os apóstolos que deviam pregar o*

*evangelho da emancipação da Pátria.*

*O que resta hoje da Fazenda do Pombal?*

*O proprietário atual daqueles terrenos, sem ao menos sentir tremer-lhe as mãos, derruiu aquelas paredes, testemunhas dos anelos patrióticos do proto-mártir mineiro, lançou abaixo os telhados, arrancou mesmo os alicerces daquela morada, que devera ser uma relíquia, conservada como tradição, do herói que ali medrou.*

*Passei há pouco por aqueles sítios; uma roça de milho ocupa o lugar da celebrizada fazenda. Apenas algumas jabuticabeiras frondosas e um ou outro altivo pinheiro assinalam o berço de Tiradentes, semelhando, de pé, fantasmas perdidos a protestarem nessa linguagem mística, transmitida ao sopro das brisas, contra o esquecimento e ingratidão da Pátria, que nem ao menos ali manda levantar um padrão, dizendo aos visitantes:*

*- Ó vós que passais, sabeí que aqui nasceu Tiradentes, o inconfidente que regou com seu sangue a árvore da liberdade! Conservai-o em vossa memória e levai seu nome glorioso à posteridade!"*

Assim escreveu, em abril de 1888, nas páginas de *O Arauto de Minas*, o seu diretor, Severiano Nunes de Rezende. Hoje a situação do lugar, onde nasceu o Alferes, é pouco diferente. A estrada de ferro nem existe mais e o acesso rodoviário é deficiente e precário. No local, estabeleceu-se, em anos recentes, um Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura e, desde 1889, entre parcos sinais da antiga fazenda, está um marco, onde se lê:

*"Em homenagem de Tiradentes, o intemerato mártir da independência nacional, foi mandado erguer este simples monumento no lugar onde ele nasceu, por um grupo de republicanos brasileiros".*

A Fazenda do Pombal, termo da Vila de São João del Rei, quando ali nasceu Tiradentes, ficava a 10 Km em linha reta desta Vila, a pouco menos de meia légua da linha norte da sua sesmária patrimonial.

Dela aparece a primeira notícia documental em 1724, quando o Capitão Francisco Viegas Barbosa obteve licença para nela edificar uma ermida consagrada a Nossa Senhora da Ajuda. Nessa ocasião, declarou que o sítio pertencia a São João del Rei, assertiva corroborada pelo Pe. Alexandre Marques do Vale, vigário da Vara, em 15 de julho de 1729, quando ali benzeu a mencionada ermida. Sua sede foi demolida em 1884, pelo seu então proprietário, o Sr. Emídio de Mendonça, que com o material resultante construiu a fazenda do Ouro Fino, para onde trasladou, outrossim, a ermida de Nossa Senhora da Ajuda e todas as imagens a ela pertencentes.

Na antiga Fazenda do Pombal, termo da Vila de São João del Rei, provavelmente em 16 de agosto (dia de São Joaquim) de 1746, nasceu Joaquim José da Silva Xavier, cuja memória e ideais, apesar dos duzentos anos da sua morte, continuam vivos entre nós, perene inspiração de amor e luta pela grandeza e soberania do Brasil.

Conforme costume da época, Joaquim José foi batizado aos quatro meses de vida e da sua certidão batismal, arquivada na Matriz do Pilar, em São João del Rei, assim consta:

*"Aos doze dias do mês de novembro de mil setecentos e quarenta e seis anos, na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo, o reverendo Padre João Gonçalves, capelão da dita Capela, batizou e pôs os Santos Óleos a Joaquim, filho legítimo de Domingos da Silva Santos e de Antônia da Encarnação Xavier; foram padrinhos Sebastião Ferreira Leitão, e não teve madrinha; do que fiz este assento. O Coadj. T<sup>o</sup>r Jerônimo da Fon.c.<sup>a</sup> Alz."*

Em 17 de dezembro de 1755, a instância da Câmara da Vila de São João del Rei, que sempre reivindicara a posse do território à margem direita do Rio das Mortes, na qual banda estava situada a Fazenda do Pombal, o Ouvidor e Corregedor da Comarca do Rio das Mortes, Dr. Francisco José Pinto de Mendonça, procedeu a uma "correição" da demarcação de 1719, pela qual se concedeu legalmente à Vila de São José a posse dos postulados territórios do lado norte do Rio das Mortes.

Por esse motivo, os inventários da mãe e pai de Tiradentes, mortos, respectivamente, em 1755 e 1757, foram praticados no Fórum da Vila de São José. Posteriormente, a partir de 1760, há indícios de retorno à primeira jurisdição que fica, praticamente, consumada nos fins do século XVIII.

Um século mais tarde, em 6 de dezembro de 1889, pelo Decreto n.º 3, do governador mineiro Cesário Alvim, tomando por fundamentação os testamentos dos pais de Joaquim José e atendendo a uma sugestão do líder e propagandista republicano Silva Jardim, a Vila de São José tornava-se "Cidade de Tiradentes".

Mais tarde, isto é, em 30 de dezembro de 1962, emancipava-se o antigo distrito de São João del Rei, Santa Rita do Rio Abaixo, com a insípida denominação de "Ritápolis", em cujos domínios ficava definitivamente situada a localidade do Pombal.

Destarte, são, hoje, três as cidades que disputam a honra de haver sido berço natal de Tiradentes. Nada há, porém, que possa tirar de São João del Rei esse apanágio histórico, conforme muito bem arrazoou Canabrava Barreiros em seu livro *As Vilas de del-Rei e a Cidadania de Tiradentes*. E, conforme, aliás, a declaração do próprio herói que fez constar nos *Autos da Devassa*, quando inquirido, que era "*natural do Pombal, termo da vila de São João Del Rei*".

## 6 A VIDA DO HERÓI

*"Por aqui passava um homem,  
- e como o povo se ria!*

*que reformava este mundo  
de cima da montaria".*

Cecília Meireles

Órfão de ambos os pais, em 1757, repartido o patrimônio, a família de Domingos da Silva Santos e Antônia da Encarnação Xavier, apesar de numerosa, se dispersa. Joaquim José passa a residir na Vila de São José com seu padrinho, o cirurgião dentista Sebastião Ferreira Leitão, com quem aprende os rudimentos da arte de extrair e colocar dentes, daí advindo-lhe a alcunha que o imortalizaria nas páginas de nossa História. E mostrou-se nessa arte, como de resto nas demais que em sua atribulada existência experimental, pendores de responsabilidade e competência, assim registrados por Frei Raimundo de Penaforte: *"Tirava, com efeito, dentes com a mais sutil ligeireza; e ornava a boca de novos dentes, feitos por ele mesmo, que pareciam naturais"*.

Em 1760, depois de, segundo bons indícios, haver freqüentado as escolas de "ler, escrever e contar" das "vilas del-Rei", define seus primeiros planos e parte para aquelas atividades que lhe pareciam mais promissoras: tropeiro, minerador, militar.

Seu ingresso, como praça, na 6.<sup>a</sup> Companhia dos Dragões da Capitania de Minas Gerais, força criada em 1719 pelo Conde de Assumar, deu-se no ano de 1775. No ano seguinte essa Companhia fazia junção com o Regimento de Cavalaria, então criado, e foi como alferes desse regimento que Tiradentes tomara parte ostensiva nas confabulações literárias da Pátria, que a história registraria com o desapropriado título de Inconfidência Mineira.

Militar responsável e de confiança, corajoso e cumpridor de seus deveres profissionais, foi, em 1781, nomeado, por D. Maria I, comandante da Patrulha encarregada do Caminho Novo, estrada especialmente perigosa, em face das inúmeras quadrilhas de assaltantes que infestavam e se acoitavam na Mantiqueira. Apesar de receber, nessa situação, o significativo soldo de 24\$000 mensais, vivia em casa alugada em Ouro Preto.

Seu destino não lhe permitiu realizar sua verdadeira paixão amorosa, Ana, sobrinha de Pe. Rolim. Teve, entretanto, outros amores: Eugênia Maria de Jesus e Antônia Maria do Espírito Santo, com as quais, segundo consta gerou, da primeira, um filho de nome João, e, da segunda, uma filha por nome Joaquina.

Em 1787, como, em geral, todo mundo, começa a reclamar de suas condições de vida e da situação da Capitania. Em seus depoimentos dirá mais tarde:

*"o fato de ser alferes influiu para transformar-me em conspirador, levado a tanto que fui pelas injustiças que sofri, preterido sempre nas promoções a que tinha direito. Uni minhas amarguras às do povo que eram maiores e foi assim que a idéia de liberdade tomou*

*conta de mim".*

Requeru licença do serviço militar e partiu em busca, ansioso sempre, de outros rumos em sua vida, como minerador, engenheiro e até comerciante. Viagrou para o Rio de Janeiro em 2 de março de 1787 e por lá ficou cerca de um ano e meio. Entrou com requerimentos, jamais despachados, para um serviço de captação de água dos rios Andaraí e Maracanã. Segundo recentes pesquisas da historiadora Isolde Helena Brans, teria, ainda nesse ano, viajado à Europa onde talvez integrasse a missão "Vendek" junto ao embaixador americano Thomas Jefferson, nas ruínas de Nîmes, na França.

Ainda durante sua estadia no Rio, em inícios do ano de 1788, encontrou-se com o Dr. José Álvares Maciel, recém-chegado da Europa e entre ambos crescem os anseios de libertação nacional.

*"Aquele encontro com Maciel", escreve Luis V. Torres, "dera ao Alferes novo ânimo. Encontrara um rumo para suas idéias. Era voltar a Minas, entender-se com o comandante, mover as tropas. O povo o acompanharia".*

Em agosto de 1788 retorna a Minas, integrando o séquito e custódia da Viscondessa de Barbacena, mulher do novo governador, o Visconde de Barbacena. Aqui chegando, apresenta-se a seu comandante e reincorpora-se na qualidade de alferes, em sua anterior profissão militar. Em dezembro desse ano visita pela última vez sua terra natal, São João del Rei, onde, na Rua do Carmo, encontra Antônio da Fonseca Pestana perguntando-lhe *"como lhe ia de utilidades e rendimentos das suas fazendas"*. Ouvida a resposta garantiu-lhe Tiradentes que

*"este país era rico, e que a não irem todos os seus haveres e riquezas para fora, seriam grandes as utilidades de todos os seus habitantes, mas que tempo viria em que houvesse alguma sublevação ou levante e ficariam livres da sujeição dos ministros que faziam insolências aos povos e de pararem derramas e outras imposições mais".*

Nesse mesmo final de ano, acontecem em Vila Rica as primeiras e efetivas reuniões preparatórias da Conjuração, nas quais Tiradentes toma parte ativa. Transformado em arauto da nobre empreitada, Tiradentes parte, em 10 de março do ano seguinte, para nova viagem ao Rio de Janeiro. Em seu encaixo, porém, segue, espionando-o, Silvério dos Reis que acaba por entregá-lo aos soldados do Vice-Rei. A Conjuração havia sido traída e tudo se perdia. Preso em 10 de maio de 1789, Tiradentes passaria três longos anos, em prisão incomunicável, na Ilha das Cobras, respondendo a diversos interrogatórios e acareações.

Numa manhã ensolarada de 21 de abril de 1792, depois de doloroso

processo e aparatoso cortejo, num arremedo de via-sacra, morre enforcado no Campo da Lampadosa, na cidade do Rio de Janeiro, como protomártir da Independência Brasileira.

## 7 CONCLUSÃO

*"O passado não abre a sua porta  
e não pode entender a nossa pena.  
Mas, nos campos sem fim que o sonho corta,  
vejo uma forma no ar subir serena:  
vaga forma, do tempo desprendida.  
É a mão do alferes, que de longe acena."*  
Cecília Meireles

*"Em uma história particularmente carente de homens, Joaquim José da Silva Xavier, impõe-se como uma exceção",* escreveu Maxwell a respeito da participação de Tiradentes na Inconfidência Mineira, quase num eco daquilo que teria dito dele seu colega de sonhos e infortúnio, o Cônego Luiz Vieira: *"Tomara que existissem mais homens desta têmpera"*.

De fato, a história humana não é muito fértil em exemplos tais de dedicação, bravura, honestidade, como o de Tiradentes, o único dos inconfidentes que tomou o negócio da conspiração verdadeiramente a sério. *"Desde que na alma lhe caiu a primeira centelha a favor da independência, lavrou o incêndio por tal forma que não se pôde mais apagar",* comenta o insuspeito Vanhagen. Como uma *"labareda em marcha"*, reivindicando para si as tarefas mais ousadas, partiu o *"animoso alferes"* a arregimentar adeptos para a causa da libertação de que se tomara o grande arauto e o destemido apóstolo. *"Andava feito corta-vento",* disse dele o traidor Basílio de Brito Malheiros, pregando com inusitado entusiasmo, por onde quer que passava, a sua proposta de dias melhores. *"Tempo viria, garantia ele a Antônio da Fonseca Pestana, em que houvesse sublevação ou levante e ficariam livres (os brasileiros) da sujeição dos ministros que faziam insolências aos povos"*.

Ninguém o sobrepujou em entusiasmo por uma Pátria independente, livre e republicana. Reclamou para si o maior risco e não há dúvida alguma de que estava disposto a assumi-lo. Revolucionário radical, causava-lhe tristeza ver tíbios e indiferentes os seus ouvintes diante do fogo que lhe abrasava a alma: *"Ah! Se todos quisessem, poderíamos fazer deste país uma grande nação!"* Sobre seus passos de arauto de boas novas deixava sempre a fermentar, em seus ouvintes, uma mensagem de esperança quando dele se despedia prometendo: *"Adeus! Adeus! Que trabalhar vou para todos"*.

Frustrados, porém, os seus generosos sonhos e vendo-se confinado na fortaleza da Ilhas das Cobras, preocupava-lhe a sorte de seus

companheiros e, em seus depoimentos, procurou, de todas as formas, não comprometer ninguém, inocentando de culpa até mesmo aos seus desafetos, como Gonzaga, seu inimigo pessoal. Quando sentiu que já não mais adiantava negar a realidade da conspiração, tomou sobre si a total responsabilidade daquele "nefando crime". "Impávido", afirma Euripo Carmense, "não se desculpou jamais para merecer a clemência real; agiu sempre sobranceiro e, com dignidade, procurou, generoso, não comprometer a nenhum de seus companheiros de aspiração". E quando viu que dez deles iriam consigo à força suspirou: "desejava ter mais dez vidas e podê-las dar por todos eles; se Deus me ouvira, eu só morreria e não eles". E foi tragicamente belo ver que,

*"no meio de todos eles, avultava Tiradentes, tanto mais glorioso e mais sublime quanto maior o seu devotamento pelo povo, quanto maior o seu entusiasmo pela liberdade, quanto mais heróico o seu procedimento com os companheiros, quanto mais iníqua a justiça que o condenou, quanto mais terrível e pavoroso o suplício a que o submeteram"* (Lúcio dos Santos).

Um século depois da sua morte, com o advento da República, Tiradentes foi declarado herói nacional. E essa condição do Alferes, reconhece Maxwell, não é injustificada. Em comparação com o de seus companheiros de conspiração, o comportamento de Tiradentes, ao ser interrogado, foi exemplar. Sobre a pusilanimidade dos outros, agiganta-se a firmeza, a nobreza e a coragem de Tiradentes, como exemplo para todos nós. Para todos que nos insurgimos, ou insurgir devíamos, contra a exploração de nossa Pátria pelos interesses alheios do novo "pacto colonial" a que nos submeteram as super-potências estrangeiras que se nutrem impiedosas e vorazes de nosso subdesenvolvimento. Pois esta mesma e não outra era a sua grande mágoa: "Era pena, dizia, que um país tão rico, e um povo tão generoso, se achasse reduzido à maior miséria, só porque a Europa, como esponja, lhe estivesse chupando toda a subsistência".

Mais importante que os acontecimentos que lhe deram origem, Tiradentes permanece um símbolo de nossa luta, da luta do povo brasileiro, pela nossa verdadeira independência, que nos compete consumir, por isso que "só se consegue conservar o que se logra defender" (Lúcio dos Santos).

Seu grito generoso, conclamando-nos à luta, continua reboando - prouvera a Deus que não fosse em vão - sobre a imensidade de nosso território, sobre a devastadora espoliação de nossas riquezas, sobre a impiedosa exploração de nossa sofrida gente, pela qual ofereceu sua vida.

Uma grandiosa estátua, bem merecida sem dúvida, lhe foi erigida lá onde, um dia, hastearam, em derrisão, a sua cabeça, na Praça Central da Ouro Preto. Pena que desfiguraram-lhe a verdadeira imagem, dando-lhe as feições de um Deus e representando-o no momento da força, quando o momento sublime, verdadeiramente épico de sua história, foi aquele em que,

já sem poder negar a culpa da conspiração, nobre, ativo e resoluto bateu no peito e disse aos juizes da alçada: "*Sou eu o culpado, o crime foi todo meu!*". Palavras de coragem verdadeiramente heróica e sublime que lembram as de Niso, celebrado na Eneida, quando louco de dor, corraera bradando aos Rútulos que, de armas em punho, avançavam sobre Eurialo, seu amigo:

*"Me, me! Adsum qui feci.*

*In me convertite ferrum, o Rutuli!*

*Mea fraus omnis, nihil iste, nec ausus, nec potuit;*

*Caelum hoc et conscia sidera testor!"*

(En.IX-427)

("Fui eu, fui eu! Fui eu o responsável.

Para mim apontai vossas armas, ó Rútulos!

Foi minha toda a culpa e não dele que nada fez nem podia.

Por estes céus estrelados eu o juro!")

Sua memória, Tiradentes, "*não dorme no bronze que a gratidão mineira lhe ergueu na Praça Central de Ouro Preto. Ela vive e palpita, e viverá e palpitará sempre, no coração reconhecido da posteridade*", escreveu Lúcio dos Santos, num eco à milenar sentença de Plutarco: "*ninguém há mais digno da imortalidade do que aquele que, com sua morte, contribui para a salvação da Pátria*". Nenhum país, escreveu Luiz Vanderly Torres, "*nenhum país ostenta, nos alicerces de sua liberdade, troféu mais digno e mais trágico do que ostenta o Brasil: o corpo, a honra e o sangue de um filho que morreu para que sua Pátria fosse livre*". E Pátria é, no dizer de Rui Barbosa, "*o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados; a comunhão da lei, da língua e da LIBERDADE*".

**"VITA DIGNISSIMUS EST QUIQUE MORTE SUA PATRIAE SALUTEM QUERIT!"**

**Abstract:** *This paper focuses on some aspects of the biography of Alferes Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, his ideals and his participation in the revolutionary movement of Minas Gerais in the 18th century. It analyzes the concept of **Inconfidência Mineira** (the name given to the movement) and the many interpretations of the rebellion.*

## 8 BIBLIOGRAFIA

*"O mais destemido e forte,  
um dia também pergunta,  
contemplando a humana sorte,  
se aqueles por quem morremos  
merecerão a nossa morte?"*

- AUTOS de Devassa da Inconfidência de Minas Gerais. Brasília. Câmara dos Deputados. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, Imprensa Oficial, 1978.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A verdade sobre Tiradentes*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. *As Vilas Del-Rei e a cidadania de Tiradentes*. Rio de Janeiro: José Olímpio/ INL, 1976.
- CARMENSE, Euripo. *O Tiradentes (poema histórico)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.
- CASTRO, Eduardo Machado de. *A Inconfidência Mineira: narrativa popular*. Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Ano 6, 1902.
- CHIAVENATO, Júlio José. *As várias faces da Inconfidência Mineira*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FÂRACO, Sérgio. *Tiradentes, a alguma verdade (ainda que tardia)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Colonizador/ colonizado: uma relação educativa no movimento da História*. Imprensa Universitária da UFMG, 1985.
- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.
- PERRIM, Dimas. *A Inconfidência Mineira causas e conseqüências*. Belo Horizonte: Ed. Júpiter, 1985.